

O gaiteiro que inventou asas

Gilberto Monteiro ganhou um episódio só seu na série *O Milagre de Santa Luzia: Especial Gaúchos* (Sergio Roizenblit, 2012). Figura, assim, no rol dos gaiteiros de referência, ao lado de Adelar Bertussi, Bagre Fagundes, Telmo de Lima Freitas, Luiz Carlos Borges, Luciano Maia, Bebê Kramer, Albino Manique, Edson Dutra e Renato Borghetti, também contemplados no documentário apresentado pelo pernambucano Dominguinhas.

Na produção audiovisual, revela que seu sonho era ser piloto aviador. “Até cheguei a inventar umas asas de couro de cavalo”, disse.

Esse desejo de voar o levou ao alistamento na Base Aérea de Canoas, em 1972. Enquanto cumpria o serviço militar, ainda tinha tempo para abrir o fole na Capital. “Saía lá da base aérea e vinha tocar aqui no Teatro Renascença e nas *peñas* do CTG 35 nas quartas-feiras”, lembra.

A bordo dos aviões de carga tipo Douglas, que eram testados na base da Aeronáutica, levava a gaita. “Eles me convidavam e eu vinha tocando por cima do Porto Alegre”, recorda. Desta forma, o sonho de pilotar foi ficando em segundo plano, enquanto a música começava a levá-lo longe.

Seu primeiro contrato profissional foi proporcionado pelo



Capa do single *Kardache*, gravado com Sucinta Orquestra e Gustavo Garoto

poeta Marco Aurélio Campos, via a antiga Empresa Porto-Alegrense de Turismo (Epatur), para um show no Parque Anhembi, em São Paulo. Naquele show, *Milonga para as Missões* já integrava o repertório.

Foi quando o programa de televisão *Fogo de Chão* (TV Difusora, depois Bandeirantes), com apresentação de Carlinhos Castilho e José

Antônio Daudt, fez uma seleção de músicas. “Botaram minha milonga de abertura. Era final dos anos 70. Quando eu saía por aí tocar, já era muito benquista, mas, quando eu gravei pro programa, estourou. Quando eu rasgava e tocava, era um balaço, uma loucura. Depois o Renato gravou pela Som Livre e estourou a nível nacional”, relata.

Acompanhado de um quarteto feminino

As gurias da Sucinta Orquestra consideram Gilberto Monteiro uma grande referência cultural. Miriã Freitas recorda que era estudante de violino, quando tocou *Milonga para as Missões* pela primeira vez, aos 10 anos de idade. “Então, poder conhecer o compositor de perto, de uma obra que é tão marcante pra nossa cultura, é muito gratificante”, afirma.

A violoncelista Luyra Dutra, que é de Minas Gerais, também aproveita essa oportunidade. “Eu acredito ser revolucionário, não só por ser um quarteto de cordas, acompanhando neste estilo musical, mas um quarteto formado por mulheres”, conclui.

Já a violista Gabi Vilanova revela que executa arranjos para as composições de Gilberto

Monteiro desde os 17 anos, sem nunca tê-lo conhecido. “Agora, ter essa experiência sublime de uma profundidade na música gaúcha, pra mim tem sido muito importante. Eu sou compositora também e daí vejo essa raiz. Parece o tronco das árvores de onde tudo tem sido reverberado. O Gilberto é essa estrutura”, conclui a musicista.

Jogou ou não jogou no rio?



Com a Sucinta Orquestra e Gustavo Garoto, no CHC Santa Casa (2024)

O primeiro disco do catálogo de Gilberto é *Pra ti guria*, de 1987. Mas não foi esse o primeiro que gravou. “Foi um horror, porque eu fiz a gravação e veio de São Paulo tudo errado. E eu não lancei”. O caso rendeu uma das suas lendas famosas, de que teria jogado no Guaíba as cópias do vinil. Gilberto esclarece: “Não joguei no rio. Fiquei com tanto nojo que queimei antes do Guaíba ali os 50 discos que vieram. Cheguei antes de atravessar a ponte, botei umas pedras, uns jornais, toquei o fogo, queimei tudo. Chegou até a polícia

pra ver o que estava acontecendo”.

Depois do ocorrido, o produtor Ayrtton dos Anjos levou Gilberto para gravar em Buenos Aires, com participação luxuosa dos argentinos Antonio Tarragó Ros e Raulito Barboza. Virou o clássico *Pra ti guria*, lançado em LP e K7 pela Continental.

Naquele momento, já havia vencido a 16ª Califórnia da Canção Nativa, como melhor instrumentista, defendendo duas composições premiadas: *Quati-Mundéu*, ao lado de Juliano Javoski, e *Provinciano*, ao lado de João de Almeida Neto.

Família de tocadores

O instrumento que Gilberto Monteiro toca é o acordeon diatônico, conhecido no Rio Grande do Sul como gaita-ponto, gaita de botão, de oito baixos, ou ainda gaita “de voz trocada”. Emite as notas musicais a partir de um sistema de botões, em vez de teclas como nos acordeons cromáticos. Cada botão gera dois sons distintos, dependendo da direção do movimento do fole.

A gaita chegou ao sul do Brasil pela mão de imigrantes italianos e alemães, aquerençando-se num processo de tradição oral, passando de pai pra filho, bem como ocorreu com Gilberto, que aprendeu com seu pai Alexandre.

Nascido em 7 de janeiro de 1953, em Santiago (do Boqueirão - como gosta de frisar), na região missioneira, Gilberto Andrade Monteiro aprendeu a tocar gaita cedo. “Na minha família, a maioria é músico de campanha. A Francisca Cezimbra Monteiro, que tocava muito para a alta cúpula de Santa Maria na época, nasceu em 1853. Eu, em 1953, cem anos depois”, orgulha-se. Sua bisavó Francisca era prima do militar João Cezimbra

Jacques, um dos precursores do Movimento Tradicionalista Gaúcho.

Desde Santiago, já compunha. Foi lá que começou a criar *Milonga para as Missões*, por volta dos 14 anos. “É uma coisa maravilhosa, que surge, que vai dominando a gente. E eu sempre tive isso aí comigo”, conta.

Sobre seu estilo musical, diz não se preocupar muito. “Eu sou o que eu sou. Eu faço a música que eu faço. Quando sinto que a maré não está pra peixe, eu fico na minha. Eu não me atiro nas varas da porteira. Senão tu já viu, vais acabar te estropeando”, avalia.

Sua ponderação não o impediu de rodar o Brasil e o mundo. Entre 1994 e 1995, formou um quinteto com músicos argentinos, os irmãos Acuña, e passou sete meses no Paraguai. A partir do projeto Sonora Brasil do Sesc, rodou o País entre 2011 e 2012, participando da edição Sotaques do Fole. Apresentou 118 shows, acompanhado de Eduardo Cantero (violão) e Fernando Gorrie (percussão), interpretando repertório próprio, temas folclóricos e composições de Tio Bília, mestre popular missionário.



Em apresentação ao lado de Gustavo Garoto, no Café Fon Fon em Porto Alegre



Discografia

- » Pra Ti Guria (1987)
- » De Lua e Sol (1997)
- » Pra Ti Guria Ao Vivo (2020)
- » Clareando No Rancho (2022)

